

NA DESPEDIDA DE ROGER BASTIDE (1)

Fernando de Azevedo

Lembra-me ter lido em Haya de la Torre que, em conversa com um alto chefe da Marinha norte-americana, por volta de 1927, o ouvira dizer que não conhecia povo mais inclinado à fácil crueldade do que os latino-americanos. Pouco tempo depois, ao que nos relata, um sábio alemão que veio a conhecer, emitia numa entrevista pessoal a mesma opinião. Goldschmidt (era esse o professor a que se referia, autor de importante obra sobre a América) contou que, indo certa vez à casa de um escritor sul-americano, se espantará de ver os que ali encontrou, tão cruéis, no sentido de falta de respeito e de generosidade uns para com os outros. “Não imagina o sr. a minha desilusão. O escritor que me acolheu, não fazia senão falar mal dos demais e de tal forma se pôs a atacar pessoas ausentes que eu considerava dignas de respeito que tratei logo de pôr termo à visita” “Os senhores (acrescentou no encontro com o escritor peruano) não respeitam nada nos outros. Só os mortos se salvam na América Latina”; e passou a explicar, por essa crueldade entre os vivos, “o nosso culto exagerado pelos mortos, a beleza dos cemitérios, a falta de sentido crítico para julgar a obra dos que se foram. Enquanto vivos, a crueldade os destroça, e quando morrem, a superstição os respeita”. Embora essa crueldade não a tivesse notado em relação ao estrangeiro a quem, ao contrário, segundo ele, se devotava antes excessiva submissão, declarava Goldschmidt que não queria ser um latino-americano desses tempos e que seria sempre penosa a sorte de homens superiores estranhos ao ambiente.

No trabalho que publicou, sobre a América, examina o escritor com agudeza e erudição germânica os ditos irreverentes, o rumor malévolos que circula como língua de fogo, o trocadilho ou a anedota que fere como punhal, e o nosso próprio chiste ou gracejo, em que vê outras tantas expressões dessa crueldade que atribui à instabilidade de nossa organização econômica e social, à nossa insegurança e à deficiência de nossas forças. Os povos, como os indivíduos, débeis e tímidos, são cruéis. E os latinos já diziam: *timidus, crudelis*. Porque estamos envenena-

dos de crueldade, de ressentimentos e rancores, os nossos julgamentos são artes cruéis do que severos; e mesmo entre os homens superiores desses países, não faltam, a seu juízo, alguns cuja grandeza é marcada pela crueldade. Dia virá, porém (e já é o seu, um prognóstico animador), em que a fortaleza nos faça generosos uns para com os outros e muita energia que se perde ou se desperdiça, se utilizará nas grandes realizações. É possível que, descontados os exageros, ainda fique um resíduo de muita verdade nas observações do almirante americano e do sábio alemão. Mas acredito que, se tivesse qualquer deles visitado um desses grupos literários, — as “chappelles” como lhes chamais, ou as “igrejinhas” como por aqui são batizados, teriam eles sentido a necessidade de rever os seus julgamentos diante da doçura com que se entendem, dos louvores com que se obsequiam e da indulgente admiração que, no interior do grupo, se consagram uns aos outros e é só comparável à hostilidade com que encaram os estranhos a essas confrarias. Na série de retratos de animais, que Jules Renard reuniu em suas “Históires Naturelles”, um dos mais finos e espirituosos é o dos pombos. “Les Pigeons”, de que o observador incisivo nos dá, com alguns traços essenciais, uma pintura graciosa, irônica e fiel. Os escritores e os poetas (ah! se Goldschmidt os tivesse surpreendido nos seus círculos de camaradagem e nessas feiras de vaidades satisfeitas!) fazem-se, como os pombos, as mesmas saudações frenéticas, “encantam, como eles, a princípio e acabam por entediá-los”, e, nos louvores que se trocam, de boca a boca, julgam poderem fecundar-se uns aos outros e produzir criações originais, como os pombos que, fazendo sobre as casas “um ruído de tambor velado”, se obstinam, com seus arrulhos, “à croire qu'on fait les enfants par le bec” . . .

De vossa passagem pela nossa Faculdade, não nos terá ficado, Prof. Roger Bastide, nem uma nem outra impressão: nem a de hostilidades e prevenções, nem a das complacências e cumplicidades de situações de compromisso. Nem a de crueldade de competições desabridas nem a de efusões sentimentais das “coteries”. Naquele ambiente, em que, para nosso prazer e proveito, trabalhastes conosco dezoito anos, em que há um pouco de nós, sul-americanos do Brasil, ficou muito da missão francesa, e, particularmente de vós. Foi certamente larga a contribuição que trouxeste, para recriá-la, fazendo circular pela atmosfera do Departamento não só a consciência da necessidade de uma disciplina ascética nos estudos, o gosto da pesquisa e da descoberta, o espírito crítico e o juízo pessoal, senão também o sentido de responsabilidade como o de equilíbrio e de medida, a liberdade e a exatidão de julgamentos (e nós, em geral, não somos severos porque somos injustos, e, por isso mesmo, cruéis), uma inteligência, compreensiva e humana, mas que aprendeu a distinguir, na hierarquia de valores, os merecimentos autênticos e, além da modéstia, um certo sentido de humildade que provém dessa comparação constante entre o pouco que, afinal, sabemos e o muito que ainda nos resta conhecer. Tudo isso faz parte do espírito da cultura francesa e de tal modo e em tão alto grau já vinha integrado em vós, que, se, por vossos exemplos e lições, não tivésseis repartido, em graus variáveis, por tantos de vossos discípulos, teríamos de convocar-vos e reunir-nos não para um jantar de despedida, mas para vos declarar e vos conservar nosso prisioneiro, mas sem a mais vaga intenção de envolver-vos um dia (é preciso ter muito cuidado com a crueldade sul-americana. . .) numa dessas cerimônias antropofágicas em que certas sociedades primi-

tivas acabavam por devorar os prisioneiros, na crença de ingerirem, com a carne humana, as suas mais apreciadas qualidades. . .

No Departamento de Sociologia e Antropologia, em nome do qual tenho a honra de vos falar, não fostes apenas o sociólogo eminente que, ao chegar no Brasil, ainda moço, já se havia imposto nos meios europeus, pelos seus estudos sobre a vida mística e a sociologia religiosa, e cuja presença sentimós logo, aos primeiros contatos, por seu saber e por sua erudição. Fostes ainda (o que era da maior importância para nós) um conselheiro, modelo e guia, o homem de ciência que escolhera e realizou, dentre “as maneiras de ser um sábio” que Charles Richet analisou, a mais bela, a mais humana e a mais fecunda: a do professor que, sendo um cientista e pesquisador de primeira ordem, “se compraz em se ver cercado de seus alunos, em lhes abrir perspectivas e indicar-lhes o trabalho a fazer; que conversa com eles; que os faz partilhar suas idéias; lhes dá conselhos; que é feliz quando pode traçar um plano de pesquisa; que passa de boa vontade horas com seus alunos para lhes inspirar trabalhos que lhes são tão caros como os seus próprios; que faz escola” e deixa discípulos. Já podeis compreender agora, meu caro Prof. Bastide, que, embora tenhamos a segurança de vos rever entre nós e de tornar a vos ouvir, a curtos intervalos, não podemos deixar de sentir a tristeza de perder professor de tão alta categoria, que tão poderosamente concorreu para o desenvolvimento dos estudos e das pesquisas sociológicas entre nós; o homem que sempre se conduziu nobremente, sem o querer, por estar acostumado a não querer nada dos outros e a servi-los sempre; um dos maiores e melhores amigos do Brasil — a vossa segunda pátria, pelos serviços que prestastes à cultura e a formação da mocidade, pela obstinação metódica e pelo calor humano que com que lhe estudastes, através de anos, a cultura literária e artística e aspectos da vida e organização social, em uma série inumerável de pesquisas, trabalhos e obras; e, sobretudo, o amigo e companheiro de todas as horas, cujas convivência e colaboração inestimáveis, com se terem estendido por dezoito anos, ainda nos parecem curtas demais para nossos desejos e necessidades, mas foram suficientemente longas para criarem, entre nós, uma dessas amizades superiores a todas as contingências e nos assegurarem, em nossos estudos, no ensino e nas atividades científicas, a presença constante de vosso alto espírito, de vossas sábias lições e de vosso grande e generoso coração.